

# GÊNERO ENTREVISTA DE SELEÇÃO: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Francisca Janete da Silva Adelino (UFPB)  
[janete\\_adelino@hotmail.com](mailto:janete_adelino@hotmail.com)

## Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar um estudo teórico, a respeito do gênero discursivo entrevista de emprego. Trata-se de uma investigação em andamento, em nível de doutorado, que estamos realizando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da UFPB e que se filia ao projeto ESAGD (Estudos Semânticos Argumentativos de Gêneros do Discurso).

Baseamo-nos na concepção bakhtiniana segundo a qual os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados, que são delimitados a partir de três elementos composicionais, a saber: o conteúdo temático, construção composicional e o estilo linguístico, sendo esse último entendido como a seleção operada nos recursos da língua: recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais. Esses três elementos compõem, de maneira indissoluta, o enunciado.

O delineamento metodológico constitui-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo, que tentará aplicar os critérios estabelecidos por Bakhtin (2011[1979]) – conteúdo, construção composicional e estilo linguístico para a definição do gênero discursivo entrevista de emprego. Além deste autor, baseamo-nos em Marcuschi (1988), Chaves (2007) e Espíndola (2004) ao afirmarem que o gênero entrevista caracteriza-se pela perspectiva da assimetria. Em Nascimento (2010), (2012) com as contribuições sobre os gêneros do discurso. Do ponto de vista organizacional, nos baseamos em Chiavenato (2004) e Gil (2001). Estes autores postulam que a entrevista de emprego é um processo de comunicação que ocorre entre entrevistador e entrevistado e no qual o entrevistador tem o objetivo de verificar se o entrevistado possui um perfil adequado para preencher os pré-requisitos propostos pela vaga existente.

Esse trabalho está dividido em duas partes, além das considerações finais: na primeira, apresentamos uma breve resenha teórica sobre gêneros discursivos; a segunda parte consiste da continuidade dessa discussão com foco na entrevista de emprego, o que constitui o objeto de estudo deste artigo.

## 1 Os gêneros discursivos: noções fundamentais

Ao iniciar essa discussão sobre os gêneros discursivos, não estamos diante de um assunto novo. Como bem lembra Marcuschi (2008, p. 147), o estudo dos *gêneros textuais* – na terminologia desse autor –, no Ocidente, “já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão”. Segundo esse mesmo estudioso, o que hoje temos é uma nova visão do mesmo tema.

Ao empreendemos uma investigação sobre os gêneros discursivos, na perspectiva linguística, logo nos deparamos com os postulados de Bakhtin. Esse trouxe significativa contribuição para o entendimento das manifestações de linguagem em situações concretas de uso. Bakhtin (2011[1979]) definiu os gêneros discursivos,

considerando aspectos individuais e sociais, sempre vinculados a uma situação concreta de uso.

Para Bakhtin (2011[1979]) “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (p. 162 grifo do autor). A partir dessa noção muita coisa pode ser dita. Primeiramente, os gêneros discursivos são compreendidos como um tipo de enunciado, são relativamente estáveis e circulam em determinados campos da atividade humana. Imaginemos, por exemplo, o gênero discursivo entrevista de emprego. Ele apresenta uma determinada estrutura, uma organização entre os parceiros do ato comunicativo (entrevistador e entrevistado), regras que precisam ser seguidas que faz com que determinado acontecimento seja uma entrevista de emprego (emissão das perguntas ou questões por parte do entrevistador para o entrevistado) e não outra coisa. Assim, embora possa ocorrer algumas variações entre uma entrevista e outra, uma certa estabilidade permanece marcando tal gênero como sendo uma entrevista de emprego.

Com isso, ilustramos, de maneira simples, um princípio mencionado por Bakhtin, a saber, todo gênero discursivo está ligado a uma situação, a um campo de atividade humana e apresenta uma certa estabilidade. Imaginemos, ainda, os vários gêneros discursivos que circulam, por exemplo, no campo jornalístico. Todos eles com características particulares, apresentam determinadas estruturas, são direcionados a públicos determinados, podendo, ainda, sofrer determinadas influências e mudanças ao longo do tempo.

Numa visão Bakhtiniana, por serem tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros discursivos possuem três elementos básicos, quais sejam: *o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional*. (grifo do autor). Um aspecto importante acerca desses três elementos é que eles “estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2011[1979], p.162). Por estarem estritamente ligados aos campos da comunicação, sendo que a linguagem organiza as atividades humanas, os gêneros discursivos apresentam uma grande diversidade já que diversos são os campos da atividade humana. Nesse sentido, os gêneros discursivos são formas de organização e de ação humana.

Além disso, por estarem ligados aos campos da atividade humana, os gêneros discursivos refletem as relações, as finalidades, as especificidades de cada campo, ou seja, esses campos atuam de forma a influenciar não apenas o conteúdo temático de cada gênero, mas também seu estilo de linguagem, a escolha dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais e, também, sua estrutura composicional (BAKHTIN, (2011[1979]).

Nessa discussão, Bakhtin reforça um princípio importante da natureza dos gêneros, a saber, embora os campos da atividade humana sejam diversos e os gêneros discursivos apresentem uma diversidade tal que não podemos contar, por serem *tipos de enunciados* todos eles tem uma “natureza *verbal* (linguística) comum” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 263). (grifo do autor).

Diante da heterogeneidade dos gêneros discursivos, Bakhtin (2011[1979]) propõe uma classificação ou divisão entre gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos). Enfatiza que, “os gêneros discursivos secundários surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) [...]”. Acrescenta ainda que “no processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que

se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata” (p. 263). Nesse sentido, os gêneros primários,

“que integram os secundários, se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana (BAKHTIN, 2011[1979], p. 263-264).

Ao analisarmos essa classificação dentro da discussão geral feita por Bakhtin (2011[1979]), percebemos que ele faz essa diferença visando mostrar a diversidade e a complexidade dos gêneros discursivos que circulam nos mais diversos campos da atividade humana. Segundo ele, o enunciado apresenta uma natureza complexa, sendo que

“a própria relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia)” (BAKHTIN 2011[1979], p. 264).

Ao mostrar a diversidade e a complexidade da natureza dos gêneros discursivos por meio dessa divisão, Bakhtin (2011[1979]) tece uma crítica a algumas perspectivas de abordagem vigentes em sua época. Para ele, “a orientação unilateral centrada nos gêneros primários redundava fatalmente na vulgarização de todo o problema (o behaviorismo linguístico é o grau extremado de tal vulgarização)” (p. 264). Ele vai além e argumenta:

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida (BAKHTIN, p. 264-265).

Ainda, sobre a natureza dos gêneros discursivos, outro aspecto merece ser destacado aqui: o estilo. “Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”, postula Bakhtin (2011[1979], p. 265). Este estudioso ressalta o aspecto de que todo enunciado, seja ele oral ou escrito, primário ou secundário, ligado a qualquer campo da comunicação discursiva, apresenta traços da individualidade do falante (ou de quem escreve). Em outros termos, todo texto passa a ter um estilo individual.

Nesse ponto, uma ressalva é feita. Conforme Bakhtin (2011[1979], p.265), “nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do

falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual”. Esse mesmo autor, cita alguns casos em que o estilo individual é menos propício.

As condições menos propícias para o reflexo da individualidade na linguagem estão presentes naqueles gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, por exemplo, em muitas modalidades de documentos oficiais, de ordem militares, nos sinais verbalizados da produção, etc. (BAKHTIN, 2011[1979], p. 265).

Torna-se relevante comentar o porquê desses gêneros serem menos propícios ao estilo individual e se apresentarem de forma mais padronizada. Para entender isso, imaginemos uma carta pessoal e um ofício. Qual dos dois tem mais traços subjetivos? A carta pessoal nos parece possuir mais traços subjetivos do que o ofício. Isso porque esta se apresenta de forma mais livre e espontânea, representando um estilo simples e informal, cujo conteúdo gira em torno de temas pessoais. Assim, quanto mais padronizado e formal um gênero se apresenta menos individualidade aparece, mas isso não quer dizer que o ofício, por exemplo, não seja marcado por traços de subjetividade.

É importante observar que, além do estilo individual, que se manifesta em cada texto (enunciado, em termos bakhtinianos), Bakhtin (2011[1979]) postula a existência de um estilo linguístico particular para cada gênero discursivo. Conforme o autor, “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos” (p. 266).

Desse modo, cada gênero discursivo, por ser produzido e circular em determinada esfera de atividade humana, possui um estilo linguístico peculiar (recursos fraseológicos, gramaticais e lexicais) que são próprios dessa esfera de atividade humana. No entanto, é importante considerar que, mesmo dentro da mesma esfera de atividade humana, ocorrerão variações do estilo linguístico de um gênero para outro. Nesse sentido, afirma Nascimento (2012, p. 24):

Assim, com base em Bakhtin, pode-se afirmar que o estilo verbal de uma ata não é necessariamente o mesmo estilo verbal de um memorando ou de um ofício. Por servirem a propósitos comunicativos diferentes, o vocabulário, as expressões linguísticas, o nível de formalidade, a coordenação de frases e sentenças, tudo isso vai ser diferenciado de um gênero para outro.

Isso implica que o estilo linguístico de um determinado gênero discursivo está intrinsecamente relacionado não só com a esfera de atividade humana em que esse gênero é produzido, mas também com o propósito comunicativo desse gênero, ou seja, com o seu funcionamento linguístico-discursivo e sua utilização na esfera em que é produzido e/ou circula.

Ainda a respeito do estilo linguístico individual de cada texto, Bakhtin (2011[1979]) apresenta algumas peculiaridades do enunciado concreto – texto. São eles: *alternância dos sujeitos do discurso, autor, conclusibilidade*. Quanto ao primeiro aspecto é dito que “os limites de cada enunciado concreto como unidade da

comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 275). É a alternância entre sujeitos que cria os limites precisos do enunciado nos “diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas várias” (p. 275).

No caso do autor, vemos que ao estabelecer fronteiras com outros enunciados, o enunciado concreto adquire uma individualidade, um caráter interno, ou seja, “o sujeito do discurso – neste caso *o autor* de uma obra – aí revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra”, explica Bakhtin (2011[1979], p. 279).

A terceira peculiaridade, a conclusibilidade, está intimamente vinculada à primeira. Bakhtin (2011[1979], p. 280) diz que

A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreve) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições.

Essa conclusibilidade implica algumas coisas como: instaurar um efeito de fim do enunciado, possibilidade de resposta, possibilidade de ocupar uma posição em relação a ele.

Marcuschi (2008) também apresenta considerações importantes sobre gêneros. Para este autor, “o trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas”. Ele entende o gênero como sendo, ao mesmo tempo, “*uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social e uma ação retórica*” (p.149). (grifo nosso).

Assim como Bakhtin, Marcuschi (2008) postula que toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Segundo ele, “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Além disso, Marcuschi (2008, p. 155) faz uma distinção entre *gênero textual, tipo textual e domínio discursivo*. Para este estudioso, “*os gêneros textuais* são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos”. O autor assegura que os *gêneros textuais* possuem “características definidas por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na interação de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (grifo do autor).

O *tipo textual*, por sua vez, “caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais”. Já o *domínio discursivo* “constitui muito mais como uma ‘esfera da atividade humana’ no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas*”. (MARCUSCHI, 2008, p. 155, grifo do autor). Por fim, o autor ainda afirma que “não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas” (p. 155).

## 2 Gênero discursivo entrevista de emprego: conteúdo, estilo e estrutura

Apresentamos agora o gênero discursivo entrevista de emprego e para isso, retomamos alguns pontos já discutidos e expandimos a discussão visando conceituar esse gênero, assim como apresentamos alguns conceitos de entrevista trazidos por outros estudiosos da linguística e do universo empresarial.

De início, cabe voltar aos critérios propostos por Bakhtin para definir um gênero discursivo. Segundo esse estudioso, “o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, [...] mas também, por sua construção composicional”. (BAKHTIN, 2011[1979], p. 261).

No que se refere ao (i) **conteúdo temático**, Nascimento (2012) apoiado nos pressupostos bakhtinianos afirma que este refere-se ao tipo de informação, ou seja, ao objeto do dizer, de que geralmente são compostos os gêneros textuais. Assim, Bakhtin (2011[1979], p. 301) assegura que “o querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso” e essa escolha se dá “em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática” (p. 301). O autor afirma ainda que “o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 301). Assim, enfatiza Nascimento (2010) “dependendo do assunto que o locutor deseja tratar, com quem o mesmo vai tratar e das suas intenções ao tratá-lo, será determinado o gênero a ser utilizado” (p. 136).

Nessa perspectiva, a entrevista de emprego é um gênero discursivo usado pelas organizações públicas e privadas, cujo objetivo é selecionar candidatos para assumir um determinado posto de trabalho. É através da entrevista de emprego que o entrevistador toma conhecimento das informações pessoais e profissionais do entrevistado e é com base nessas informações, que o entrevistador realiza uma análise comparativa com o perfil exigido pela empresa, para assim, chegar a uma conclusão se aquele entrevistado atende ou não aos pré-requisitos da vaga de emprego.

Dessa forma, podemos dizer que as informações prestadas pelo entrevistado ao entrevistador no decorrer da entrevista de emprego, representam o conteúdo temático da entrevista. Esses conteúdos refletem, por exemplo: o tempo de experiência profissional, formação acadêmica, salário pretendido, disponibilidade para viajar, entre outros. Numa visão bakhtiniana, podemos perceber no conteúdo temático a maneira como o autor trata do tema em questão. Desse modo, o texto da entrevista de emprego consiste em uma discussão em torno das informações pessoais, experiências profissionais e expectativas futuras do candidato à vaga.

Com relação ao (ii) **estilo linguístico**, Bakhtin (2011[1979]) assevera que este “nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana” (p. 283). Para o autor, “cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos” (p. 283 – 284).

A partir dessa assertiva, podemos dizer que o estilo linguístico de uma entrevista de emprego possui características estilísticas que lhes são peculiares, uma vez que é produzido em uma esfera de atividade humana, o universo empresarial, com um objetivo bastante específico: selecionar candidatos a uma vaga de emprego.

Nesse sentido, postulamos que esse gênero apresenta uma natureza interativa muito marcada, já que também é construído a partir de uma relação entre sujeitos

sociais que ocupam determinadas posições dentro de um determinado campo de atividade humana. Por isso, talvez possamos considerar a entrevista de emprego um gênero que é produzido e circula em uma esfera de atividade humana, o universo empresarial, e é marcado por uma interação entre sujeitos, por meio de perguntas e respostas. Possivelmente, essas respostas sejam marcadas por elementos linguísticos que produzem diferentes tipos de sentidos, principalmente os modalizadores asseverativos, uma vez que o entrevistado almeja ser selecionado para assumir a vaga de emprego em questão e, para isso, acreditamos que ele se utiliza de elementos modalizadores que possam expressar noções de certeza e de verdade em sua fala, a respeito de seu próprio perfil profissional, algo que investigaremos posteriormente nos dados empíricos.

A entrevista de emprego parece adotar uma linguagem própria do universo empresarial, no entanto, o nível de formalidade parece ser menor do que outros gêneros deste mesmo universo de atividade humana, dados os objetivos interacionais do próprio gênero entrevista de emprego. Algo que também será melhor explicitado quando estivermos com os dados empíricos da nossa pesquisa.

Assim, podemos trazer também para essa discussão o que os autores do universo empresarial publicam a respeito da entrevista de emprego. Chiavenato (2004), por exemplo, afirma que “a entrevista é um processo de comunicação entre duas ou mais pessoas que interagem; de um lado, o entrevistador ou entrevistadores e, de outro lado, o entrevistado ou entrevistados” (p. 193). Acrescenta ainda que “a entrevista é a técnica de seleção mais utilizada nas grandes, médias e pequenas empresas” (p. 193).

Para esse mesmo estudioso, portanto, a entrevista como técnica de seleção se apresenta como sendo subjetiva e imprecisa, sendo que é a técnica que mais influencia a decisão final dos recrutadores a respeito dos candidatos no processo de seleção. O autor comenta que, mesmo sendo uma técnica subjetiva, “todavia, entrevistar é o método mais amplamente usado em seleção de pessoal” (p. 193). Essa preferência existe, assegura o autor, “apesar da subjetividade e imprecisão da entrevista” (CHIAVENATO, 2004, p. 193).

O problema da subjetividade também é apontado por Gil (2001), como aquele que constitui a mais séria limitação da entrevista, isso porque, conforme explica o autor, no tocante a avaliação que o entrevistador faz do entrevistado “depende muito de seu quadro de referência pessoal, o que dificulta a obtenção de dados uniformes” (p. 101). Mesmo com essas limitações, Gil (2001) assim como Chiavenato, assegura que a “entrevista é reconhecida hoje como um dos mais úteis instrumentos de que se dispõe para a seleção de pessoal” (p. 101), pois ela possibilita o contato direto com o candidato, bem como ajuda a identificar as habilidades e competências deste para exercer o cargo que se deseja preencher.

Considerando a questão da subjetividade da entrevista de seleção de emprego, comentada anteriormente, Gil (2001) chama a atenção ainda sobre a competência técnica que o entrevistador precisa ter para obter eficácia na entrevista. Para este autor, o entrevistador deve ser dotado de “maturidade emocional, habilidade no relacionamento interpessoal e perspicácia para identificar traços de personalidade, motivações e atitudes das pessoas e interpretá-los” (p. 101). Além disso, complementa o autor, o entrevistador deve conhecer bem a “organização e seus dirigentes, além dos bens e serviços produzidos” pela organização. (GIL, 2001, p. 101).

Contudo, o gênero discursivo entrevista tem uma identidade, uma relativa estabilidade que condiciona as escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas (MARCUSCHI, 2008).

Dessa forma, a entrevista de emprego é um enunciado em sua totalidade, pois tem início, meio e fim e é produzido em uma dada situação social com um objetivo bastante específico: o propósito da entrevista de emprego é selecionar candidatos para assumir postos de trabalho. Além disso, a composição discursiva do gênero entrevista visa determinados fins, ou seja, tanto o entrevistado deseja ser aprovado para assumir a vaga de emprego, e, para isso, procura responder as questões com o intuito de convencer o entrevistador, quanto o entrevistador conduz a interação com o entrevistado visando conhecê-lo com mais profundamente, e para isso, faz perguntas previamente elaboradas com base no *currículo vitae* do candidato e na descrição do cargo e procura liderar a interação para se assegurar de que o candidato entrevistado realmente atende aos pré-requisitos da vaga de emprego em questão.

Ao refletirmos sobre o gênero entrevista, segundo os postulados de Bakhtin (2011[1979]), algumas noções logo veem a tona. O autor mostra como a vontade discursiva dos enunciadores realizam determinadas escolhas e essas determinam o estilo e a composição do enunciado. Isso não é diferente quando lidamos com o gênero entrevista. Podemos dizer que os parceiros envolvidos no ato da entrevista precisam, primeiramente, estarem de acordo quanto ao funcionamento de tal gênero. O seguinte comentário é pertinente para esse entendimento.

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero (BAKHTIN, 2011[1979], p. 282).

Na entrevista de emprego, nos parece que a vontade discursiva dos interlocutores é, por um lado, elencar perguntas relacionadas aos aspectos principalmente profissionais visando levantar informações a respeito das competências do candidato, este é o papel assumido pelo entrevistador, e, por outro lado, cabe ao entrevistado, responder aos questionamentos emitidos pelo entrevistador; uma vez que aquele, objetiva preencher a vaga de emprego e este selecionar o candidato de acordo com as especificações do cargo. Assim, a entrevista de emprego tem a função social de selecionar pessoas para o exercício profissional no mercado de trabalho. É em razão dessa função sócio-comunicativa (selecionar futuros empregados) e também porque é usada em uma situação social determinada (seleção de emprego em instituições públicas ou privadas) que a entrevista vai adquirir determinadas características – no que se refere ao seu estilo (linguagem), ao seu conteúdo (assuntos que são tratados durante uma entrevista) e à sua forma (estrutura composicional).

Quanto à (iii) **estrutura composicional**, Bakhtin (2011[1979]) afirma que “todos os nossos enunciados dispõem de uma *forma padrão* e relativamente estável de estruturação de um todo” (p. 301 grifo do autor). Este estudioso afirma ainda que “aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero” (p. 302). É por meio dessa forma padrão que identificamos se um gênero pertence a uma determinada esfera ou a outra. Nascimento (2010) corrobora com essa assertiva e afirma que “é exatamente pelos textos possuírem uma forma padrão que somos capazes de identificar que um



determinado texto pertence a um determinado gênero e prever as intenções de quem o produziu” (p. 11).

Marcuschi (1988) chama a atenção para a assimetria que se instala quando ocorre uma relação de desigualdade entre os membros participantes de um evento de fala. Corroborando com esse pensamento, Espíndola (2004, p. 83) ao discutir sobre a entrevista como interação assimétrica postula que “[...] nas interações assimétricas, um dos participantes tem o direito de conduzir a interação”. A autora acrescenta que “nessa modalidade de interação, incluem-se as entrevistas de modo geral”.

Tratando das relações que se estabelecem entre entrevistador e entrevistado em uma interação de entrevista de emprego, podemos asseverar que, neste gênero, existe uma interação assimétrica, pois quem conduz a entrevista, ou melhor, quem elenca as questões é o entrevistador, ou seja, há uma relação de poder explicitamente marcada nesse evento social. De modo que, a atuação do entrevistado restringe-se à apresentação de respostas aos questionamentos realizados pelo entrevistador.

No que se refere à condução da entrevista, Gil (2001) também traz algumas considerações e inicia dizendo que “a entrevista distingue-se de uma simples conversação à medida que serve a um objeto definido” (p. 101). Ou seja, a entrevista é sistematicamente planejada e submetida a controles e avaliação. Chiavenato (2004) acrescenta que, durante a entrevista de seleção “dependendo das habilidades do entrevistador pode-se dar-lhe menor ou maior liberdade na condução da entrevista, isto é, pode-se estruturar e padronizar a entrevista, como pode-se deixá-la inteiramente livre à sua vontade” (p. 195).

Quanto à condução da entrevista de emprego, Gil (2001) sugere que o entrevistador elabore questões a serem usadas durante a entrevista com base na descrição do cargo. O autor ainda sugere que na formulação das perguntas deve-se levar em consideração aspectos relacionados ao candidato que só poderão ser suficientemente conhecidos no momento da entrevista. Para o autor, porém, convém “definir previamente a sequência das perguntas, que de um modo geral segue a seguinte ordem: experiência profissional, formação e treinamento, dados familiares e sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e interesses” (p. 104).

Gil (2001) ainda comenta que o histórico profissional é uma das fontes mais reveladoras de informações a respeito do candidato, pois ele além de esclarecer acerca da experiência profissional, fornece também informações acerca das atitudes, motivações, maturidade, aptidões e temperamento do candidato. Além do histórico profissional complementa o autor, o entrevistador pode ainda elaborar questões que possam estimular o entrevistado a falar sobre o seu histórico educacional, familiar, social, conhecimentos, habilidades, atitudes e interesses.

É importante considerar o que Bakhtin afirma sobre a visão de mundo do falante. Para o autor, “o falante com sua visão do mundo, os seus juízos de valor e emoções, por outro lado, e o objeto de seu discurso e o sistema da língua (dos recursos linguísticos), por outro – eis tudo o que determina o enunciado, o seu estilo e sua composição” (BAKHTIN, 2011[1979]), p. 296).

Assim, possivelmente a estrutura composicional da entrevista de emprego seja composta da sequência de questões que envolvem: a experiência profissional, formação e treinamento, dados familiares e sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e interesses do candidato ao emprego. No entanto, essa estrutura será investigada em nossa pesquisa de campo e a partir dos dados empíricos, poderemos comprovar se é realmente essa a estrutura composicional da entrevista de seleção de emprego.

Diante da discussão empreendida até o momento, podemos dizer que uma abordagem que vise estudar o gênero entrevista de emprego precisa contemplar todos os

aspectos que envolvem a construção desse gênero: os sujeitos envolvidos, o tema/objeto de sentido, o campo da atividade humana em que esse gênero se realiza, entre outros. Tudo isso converge para a constituição do tema, do estilo linguístico e da estrutura composicional.

## Considerações Finais

A partir das discussões aqui empreendidas e ao aplicar os critérios postulados por Bakhtin (2011[1979]), é possível postular que, no que se refere ao *conteúdo temático*, o texto da entrevista de emprego consiste em uma discussão em torno das informações pessoais, experiências profissionais e expectativas futuras do candidato à vaga. Assim, as informações prestadas pelo entrevistado ao entrevistador no decorrer da entrevista de seleção de emprego, representam o conteúdo temático a ser examinado pelo entrevistador. Esses conteúdos podem refletir, por exemplo: o tempo de experiência profissional, formação acadêmica, salário pretendido, disponibilidade para viajar, entre outros.

Quanto à *estrutura composicional*, merece destaque a perspectiva assimétrica do gênero, ou seja, o diálogo entre os interlocutores se dá em uma relação hierarquicamente marcada, na qual o entrevistador conduz o curso da interação a partir de questionamentos elaborados com base nas informações contidas no *currículo vitae* do entrevistado, assim como nas especificações exigida pelo cargo e para tanto, ordena as perguntas acerca da: experiência profissional, formação e treinamento, dados familiares e sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e interesses do candidato ao emprego. Dessa forma, a atuação do entrevistado restringe-se à apresentação de respostas aos questionamentos do entrevistador.

No que se refere ao *estilo linguístico*, trata-se, de um gênero que é produzido e circula em uma esfera de atividade humana, o universo empresarial, e é marcado por uma interação entre sujeitos, por meio de perguntas e respostas. Acreditamos que a entrevista de emprego adota uma linguagem própria do universo empresarial, no entanto, o nível de formalidade parece ser menor do que em outros gêneros deste universo, dado os objetivos interacionais do próprio gênero entrevista de emprego.

Por fim, considerando que os fatores que envolvem a entrevista variam, pode ocorrer que em diferentes entrevistas surjam variações em seus estilos, temas e estruturas composicionais, mas na sua essência deve manter uma certa estabilidade nestes três aspectos, pois algo em comum deve perpassar todas as entrevistas de seleção de emprego, tornando-as relativamente estáveis. A análise de cada entrevista em particular poderá mostrar o funcionamento desses três aspectos. É essa uma das questões que nos propomos verificar na pesquisa empírica que iremos realizar, dando continuidade a esse estudo.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 2ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 6ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

- CHAVES, Anna Libia Araujo. O sufixo *-inho* no Gênero Textual Entrevista – Elemento Modalizador Discursivo. Anais do I Simpósio Nacional Linguagens e Gêneros Textuais **de 28 a 30 de março de 2007. (Campina Grande, 2007.)**
- ESPÍNDOLA, L. C. **A entrevista: um olhar argumentativo.** João Pessoa: EDUFPB, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. **Gestão de Pessoas: enfoque nos papéis profissionais.** São Paulo: Atlas, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Manifestações de poder em formas assimétricas de interação.** *Investigações.* Recife, v. 01, p. 51-70, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **Gênero do Universo Oficial/Empresarial: para além dos Manuais de Redação.** In: Revista de Gestão e Secretariado, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 127-147, jul.dez. 2010.
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso e os manuais de redação comercial e oficial. In: NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do (org.) **A Argumentação na Redação Comercial e Oficial: Estratégias Semântico-Discursivas em Gênero Formulaicos.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.